

Artigo / Article

Letramento em saúde em documentos do século XVIII: contribuições da Filologia

Health literacy in documents from the eighteenth century: contributions of Philology

Marcelo Módolo 

Universidade de São Paulo, Brasil
modolo@usp.br
<https://orcid.org/0000-0001-5808-9368>

Maria de Fátima Nunes Madeira 

Universidade de São Paulo, Brasil
fatima22.madeira@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6141-0714>

Recebido em: 31/10/2023 | Aprovado em: 16/03/2024

Resumo

O texto do primeiro documento apresentado neste artigo para ilustrar a questão do letramento em saúde, uma publicação de 1768, destaca-se por recorrer a diferentes formas de organização do conhecimento para convencer as autoridades sobre a necessidade da utilização, em massa, do processo de inoculação contra a varíola, doença que atingia a Europa e o Brasil. Trata-se de uma carta do médico inglês dr. Gualter Wade, que, vivendo em Portugal, respondia a uma consulta sobre o que haveria de novo e digno de se imitar no combate à varíola. Além da representatividade da linguagem utilizada no documento, amostra de esforço do referido médico para comprovar a segurança da inoculação para a eliminação das bexigas, o tema vem a calhar com os debates atuais, em que ainda se discute a eficácia de vacinas contra doenças infecciosas. O segundo documento, de 1775, manuscrito do capitão-general da capitania de São Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha, dirigido ao então secretário de Estado da Marinha e do Ultramar, Martinho de Melo e Castro, mostra-se como um contraponto sobre a abordagem da questão sanitária, em relação ao documento de 1768, já que medidas caseiras e nada eficazes continuavam sendo utilizadas na colônia.

Palavras-chave: Filologia portuguesa • Linguística • Combate à varíola

Abstract

The text of the first document presented in this article to illustrate the issue of health literacy, a publication from 1768, stands out for resorting to different forms of knowledge organization to convince the authorities of the need for mass use of the inoculation process against smallpox, a disease that affected Europe and Brazil. It is a letter from the English doctor, dr. Gualter Wade, who, living in Portugal, was responding to a query about what would be new and worthy of imitation in the fight against smallpox. In addition to the representativeness of the language used in the document, a sample of the doctor's effort to prove the safety of inoculation for the elimination of bladders, the topic comes in handy with the current debates, in which the efficacy of vaccines against infectious diseases is still being discussed. The second document, from 1775, handwritten by the captain-general of the captaincy of São Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha, and addressed to the then secretary of State for the Navy and Overseas, Martinho de Melo e Castro, is a counterpoint to the approach to the sanitary issue, in relation to the 1768 document, since homemade and ineffective measures continued to be used in the colony.

Keywords: Portuguese Philology • Linguistics • Fight against smallpox

Introdução

O letramento em saúde, requisito composto pelo conjunto de capacidades individuais para se concordar, compreender, avaliar e utilizar corretamente as informações normalmente recebidas por um especialista da área de saúde, vem ganhando relevância atualmente, principalmente, pela quantidade de informações distorcidas a que as pessoas são expostas, sobretudo, nas redes sociais. A queda de níveis da cobertura vacinal nas populações do mundo inteiro é dos mais nocivos exemplos de problemas causados pelas *fake news* espalhadas contra as vacinas. Dessa forma, percebe-se um esforço coletivo de órgãos institucionais, como a Organização Mundial da Saúde, Ministérios e Secretarias de Saúde, Hospitais, Universidades, Clínicas, Laboratórios e Postos de Saúde, para conscientizar a população, a partir de divulgações escritas e audiovisuais, da eficácia e da necessidade da imunização para prevenir doenças infectocontagiosas, como a COVID-19, e para evitar hospitalizações e mortes.

Como forma de contribuir para a transmissão do texto de um documento que mostra soluções já alcançadas por nossos antepassados, principalmente no combate a doenças como a varíola, e ao mesmo tempo para utilizar o texto como fonte de pesquisa que ilustra a questão do letramento em saúde do ponto de vista do emissor da informação, trazemos para este estudo dois textos do século XVIII, um deles apresentando o sucesso do método da inoculação das bexigas¹ para combater a varíola na Europa, e o outro, ao contrário, relatando os métodos

¹ Nome popular como era conhecida a varíola.

caseiros praticados para o enfrentamento das bexigas e o consequente aumento das mortes pela doença na cidade de São Paulo e em outras partes da colônia brasileira.

O primeiro documento, uma publicação com 76 páginas, apresenta uma carta impressa e publicada no ano de 1768. De autoria de Gualter Wade, médico britânico que residia em Lisboa, a carta se constitui numa resposta a um dos secretários de Estado do governo de Portugal e dos domínios ultramarinos, que pedira informações sobre a inoculação, procedimento que, segundo se ouvira dizer, era praticada na Inglaterra com tanta segurança, que era tratada como um divertimento. O médico, então, se põe a responder, da maneira mais detalhada possível, sobre o novo método que se praticava na Europa para a inoculação e que previa alguns passos, como a preparação, a inoculação propriamente dita e o acompanhamento pós-inoculação.

O segundo documento, um manuscrito de fôlio único, é um ofício expedido pelo governador da capitania de São Paulo, o capitão-general Martim Lopes Lobo de Saldanha, dirigido ao secretário de Estado da Marinha e do Ultramar, Martinho de Melo e Castro, para informar sobre a necessidade de substituição de um grande número de soldados mortos pela varíola. No início do ofício, o governador descreve uma cena infortunada da cidade de São Paulo. Explicava o governador que, desde a quaresma (março ou abril) – o manuscrito foi datado em novembro de 1775 –, o contágio das bexigas vinha castigando a população, principalmente os adultos, mesmo com as providências que tomava de fazer girar os gados pela cidade, de manipular perfumes e de fazer orações públicas a Deus e aos santos.

Na primeira parte deste trabalho, a carta impressa foi examinada por suas propriedades materiais, a partir das metodologias da Bibliografia material, da Paleografia e da Diplomática, para se investigar sua autenticidade e fidedignidade e, conforme o caso, declará-la apta a ser utilizada como fonte de pesquisa. Na segunda parte, apresentamos as normas de transcrição e a edição semidiplomática de páginas selecionadas do livro, para se demonstrar as preocupações do médico com a literacia em saúde dos seus interlocutores.

Em seguida, na terceira parte, o manuscrito de 1775 também foi analisado do ponto de vista da Filologia², inclusive, sobre a configuração que o documento assume conforme o estágio de transmissão ou gradação de ingenuidade documental. Na quarta parte, apresentamos as normas de transcrição e a edição semidiplomática do documento. Na quinta seção, tecemos comentários sobre a importância da disponibilização e da escolha de informações confiáveis para se combater doenças graves.

² Segundo Spina (1977), a atividade filológica compreende três funções: *substantiva*, ou seja, a preparação do texto para ser publicado (materialidade); *adjetiva*, em que se apresenta, por exemplo, sua datação e autoria, para localizá-lo no tempo e no espaço (formalidade); e *transcendente*, em que do texto se extraem as características culturais (significância).

1 Filologia: o documento impresso como fonte de pesquisa

O título do impresso – “carta a hum amigo, sobre o estado actual da inoculação das bexigas, pelo doutor Gualter Wade, Medico da nação Britannica, e do Collegio Real de Nobres, na Corte de Lisboa...” – enseja ao menos duas perguntas inevitáveis ao interesse filológico e linguístico: i) quem seria o destinatário da carta?; e ii) estaríamos diante de uma tradução de texto para a língua portuguesa, já que o escritor é um médico britânico? Evidências para se investigar as duas questões são encontradas no próprio texto da carta. Para refletir sobre a primeira dúvida, esgravatamos as linhas da página 75, nas quais o médico dirige-se ao amigo a quem escreve a carta como o mais antigo, sábio e fiel ministro de Estado do Rei. A partir dessa referência ao destinatário, os olhares dos leitores atuais voltam-se automaticamente para Sebastião José de Carvalho e Melo, o marquês de Pombal, conhecido historicamente como o ministro mais próximo do Rei D. José I e também por ter incentivado as publicações científicas produzidas pelo Colégio Real dos Nobres. Ainda assim, levando-se em consideração a subjetividade do remetente, esses três adjetivos não são suficientes para determinar com certeza o sujeito a quem se destina a carta. Para este estudo, basta identificar como interlocutor uma autoridade governamental, cujo nível de letramento em saúde justifica a linguagem utilizada pelo remetente.

Da mesma forma, não é possível esclarecer, neste momento, se o texto da carta fora traduzido para a língua portuguesa. Logo nas primeiras linhas, à página 1, lê-se o dr. Wade elogiando o destinatário por procurar informações sobre os progressos da medicina no campo do combate às bexigas, já que havia chegado ao ministro a notícia de que a inoculação vinha sendo praticada na Inglaterra com muita segurança. É possível deduzir que o médico seria um morador de Lisboa, pois no início da carta, à página 4, ele se diz “obrigado a contribuir para a utilidade e felicidade da ilustre, respeitável e amável nação, de quem há trinta anos recebia as maiores honras e atenções”. Além disso, compunha o *staff* do Colégio Real de Nobres, na Corte de Lisboa. Dessa forma, poderia ter escrito a carta em português, dada a familiaridade adquirida nesses trinta anos de convivência em Portugal. Somente uma investigação filológica detalhada sobre a tradição, a história e o contexto da carta, entretanto, certificariam essas hipóteses. Mesmo que a carta tenha sido traduzida, não se percebe nenhuma interferência significativa na linguagem referente ao assunto médico sobre a inoculação para prevenir a varíola.

Ainda como estudo filológico do texto em questão, apresentamos as suas propriedades materiais, a fim de qualificá-lo como fonte adequada de pesquisa linguística, em que se vai analisar as perspectivas do letramento em saúde.

Para tanto, investigamos, por se tratar de um livro impresso, a sua bibliografia material, ou seja, as marcas deixadas no seu suporte que descrevem aspectos da sua existência e autenticidade. Essa investigação propicia também a edição fidedigna do texto registrado, para ser publicada e utilizada como fonte de pesquisa confiável.

Ainda que de forma genérica, por não termos tido a oportunidade de consultar de forma presencial o documento disponibilizado virtualmente pela Biblioteca Nacional de Portugal, arriscamos descrever algumas características materiais desse códice impresso, considerado como um artefato representativo da cultura impressa. É possível observar, por exemplo, pela imagem disponibilizada, que o livro está encadernado, ou seja, as folhas estão reunidas em cadernos, possivelmente costurados entre si (como se nota nas imagens das páginas ímpares) e encapados por um cartonado. O papel tem a aparência do papel de trapos, utilizado desde séculos passados até o século XVIII. Não é possível detectar, pelas imagens, as marcas da fabricação do papel, como vergaturas, pontusais ou marcas d'água³. Presume-se, entretanto, pelas marcas da tinta dos tipos que atravessam de uma página a outra, que o texto foi impresso nos dois lados do papel – *recto* e *verso*. Evidentes, também, são os limites da mancha escrita, que formam um retângulo em cada página, com 26 linhas, mais a linha do reclamo, não ultrapassando as margens nem laterais, nem inferiores, nem superiores.

Interessante notar que na passagem do códice manuscrito para o livro impresso, mantiveram-se as formas de paginação, inclusive com os reclamos⁴. Neste livro, por exemplo, as páginas estão numeradas (acima do texto) e todas elas são finalizadas por um reclamo, na maioria, sílabas iniciais ou finais de palavras, que se repetem no cimo das páginas seguintes ora como sílabas, ora como palavras inteiras. A encadernação apresenta também assinaturas, localizadas ao final das seguintes páginas: 1, 15, 17, 31, 33, 47, 49, 63 e 65. Esse recurso é utilizado para identificar a ordem dos cadernos que constituem o códice (Dias, 2018). Neste caso, foi utilizado o tipo alfa-numérico: Aii, B, Bii, C, Cii, D, Dii, E, Eii.

Do ponto de vista paleográfico, nota-se que foi mantido, nos tipos móveis da tipografia, o alógrafo manuscrito <f>, transcrito como <s> minúsculo inicial e medial, que lembra uma letra <f>.

Particularidades gráficas como as consoantes dobradas, o “til” sobre a vogal “o” no ditongo “aõ”, a abreviatura “&c.” e as grafias a seguir, objetos de estudos da história da língua portuguesa, também contribuem para se datar o documento, já que se constituem práticas gráficas e ortográficas verificadas em textos setecentistas: seguransa, esforsos, attensaõ, escrupuloza, precisas, recreaçoens, circumstancias. methodo, estabeleceraõ (pretérito imperfeito do indicativo), hum/huma, descriptors, factos, auctores, pirolas, semelhantes, lymfa, ampõlla, livralla, objecsoens, naturaes, disgraças, sedo, he, caza, saes, criansa.

³ A análise da marca d'água, técnica que propicia, por exemplo, identificar o fabricante do papel, o país onde foi fabricado e a data de fabricação, possibilitando, assim, a verificação da correspondência entre a datação do documento, os fatos descritos no texto e o período de circulação desse tipo de papel, fica comprometida pela ausência de contato físico entre o pesquisador e o documento. A impossibilidade de se analisarem os aspectos materiais de um texto digital, entretanto, tem sido suplantada pela iniciativa de arquivos e bibliotecas, que, utilizando tecnologias computacionais, apresentam essas propriedades codicológicas em seus catálogos (Ackel; Madeira, 2021), privilégio do qual não pudemos nos beneficiar, neste caso.

⁴ Recurso antigo, para se unir corretamente os fólhos que porventura saíssem da ordem, consiste em se repetir no início do fólho seguinte a última palavra (ou parte de palavra) registrada no fólho anterior.

Até mesmo os carimbos e anotações tardias, que poderiam ser mal-recebidos por supostamente corromperem a originalidade do documento, são informações úteis para confirmar o trajeto realizado pelo códice (Módolo; Madeira, 2021, p. 5). Neste caso, por exemplo, os carimbos marcados na folha de rosto e nas páginas 1 e 76 (primeira e última do livro) e a numeração assinalada em lápis numa das folhas de guarda e na página do título evidenciam o último lugar de pouso do livro, ou seja, a Biblioteca Nacional de Portugal, mais um indício da existência do artefato, do seu registro e de sua guarda pela referida instituição. A Diplomática sempre viu como um critério de segurança quanto à autenticidade de um documento o fato desse escrito estar sob a guarda dos Arquivos.

Todas essas marcas deixadas no suporte material contribuem para a validação das datas tópica e cronológica do documento, com as quais é possível investigar a sua autenticidade, mas elas também dizem muito sobre as ações políticas na escolha dos testemunhos escritos da história das sociedades que foram selecionados para serem preservados (Petrucci, 1999 *apud* Almada, 2014).

A materialidade apresentada sobre a publicação “Carta a hum amigo sobre o estado actual da inoculação das bexigas...” revela características condizentes com a data cronológica (1768) e com a data tópica (Lisboa, Portugal).

Além disso, a autenticidade do documento pode também ser analisada pela Diplomática, cujo objeto é a estrutura formal do documento. Belloto (2002) descreve a espécie documental “carta” como documento não-diplomático, ou seja, não se trata de ato escrito de origem governamental e/ou notarial. Porém, pode ser definida como “correspondência do alto escalão da administração pública em comunicações sociais decorrentes de cargo e função públicos” (Belloto, 2002, p. 51). Parece ser esse o caso da carta do dr. Gualter Wade. Representando a classe médica para esclarecer um importante assunto de crise sanitária, a pedido do alto escalão da administração portuguesa ultramarina, o escritor segue, mesmo sem obrigatoriedade diplomática, uma certa padronização do texto, ao escrever formalmente para o ministro que lhe consultou. É possível reconhecer, na carta do dr. Wade, as seguintes partes: i) protocolo inicial, com uma abertura de cortesia, com o endereçamento e uma introdução com as explicações necessárias para bem responder ao seu consultor, um ministro de estado do Rei D. José I, cujo nome não vem citado; ii) texto com parágrafos onde se expõe o objeto da carta. O autor dedicou 76 páginas à resposta, tendo em vista a sua disposição para explicar didaticamente o processo da inoculação, com o objetivo de chamar a atenção tanto do ministro a quem o dr. Wade se dirigia, como do público a quem ele previu que também receberia essas informações e do próprio Rei, para o sucesso da inoculação das bexigas como meio de prevenção da varíola; iii) protocolo final, com fecho de cortesia e datas tópica (Lisboa) e cronológica (26 de outubro de 1768).

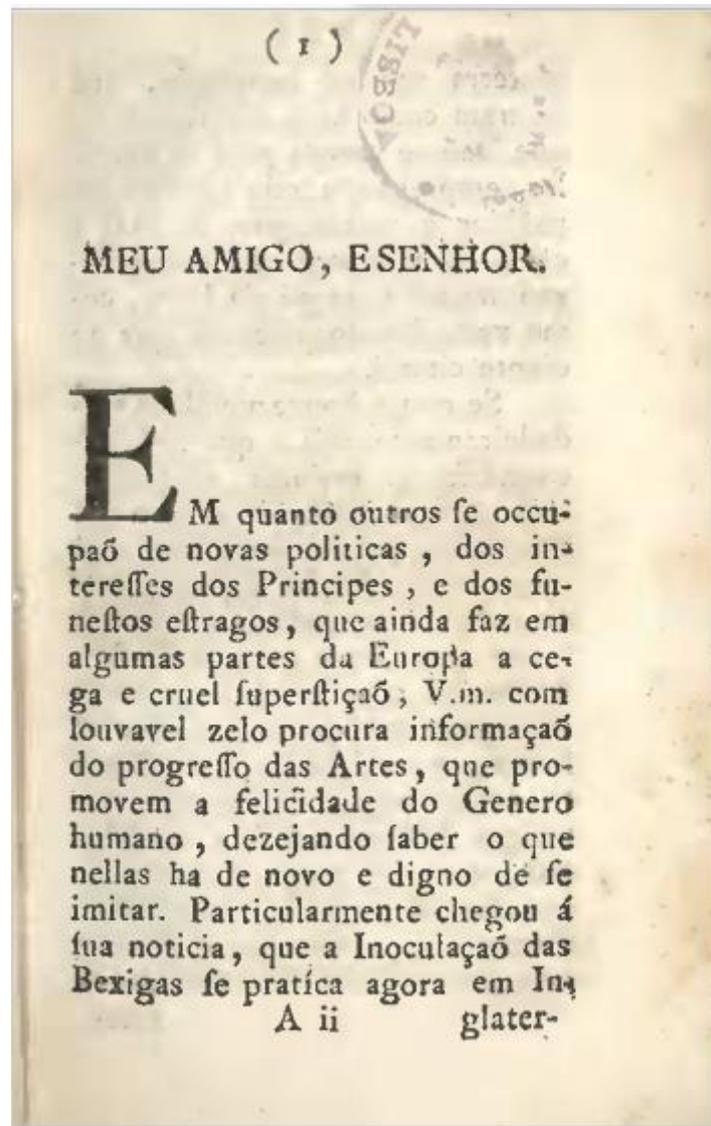
2 Normas de transcrição

A presente edição semidiplomática segue as normas de transcrição propostas por Toledo Neto (2020). A atualização dos casos de fronteiras de palavras conforme o modelo atual continua preservando a língua original do texto escrito, imprescindível para os estudos linguísticos, ao mesmo tempo que favorece a leitura a um público mais abrangente, sem prejuízo, portanto, à compreensão do texto.

Além disso, na edição:

1. As abreviaturas são desenvolvidas, marcando-se – em itálico – as letras omitidas, respeitando a grafia do documento;
2. Paragrafação, grafemas, pontuação e acentuação do modelo são fielmente reproduzidas.
3. O reclamo é marcado com barra simples, na segunda ocorrência repetida no início da página seguinte.
4. Os números de páginas e as assinaturas são transcritas onde e como aparecem no modelo.
5. A divisão das linhas do modelo é preservada ao longo do texto, página a página.
6. Na transcrição, as linhas são numeradas de cinco em cinco, a partir da quinta. Essa numeração encontra-se à margem direita da mancha, à esquerda do leitor.
7. Erros evidentes no modelo são indicados em nota de rodapé, ao lado da lição correta, intermediadas por um colchete, da seguinte forma: causa] couse, oueste] ouuiste, epaço] espaço.
8. O emprego de letras maiúsculas e minúsculas é mantido, como se apresenta no modelo.
9. Carimbos são descritos em nota de rodapé.
10. O alógrafo contextual de <s> minúsculo inicial e medial está uniformizado segundo o alfabeto atual.

Figura 1: Página 1 da “carta a hum amigo, sobre o estado actual da inoculação das bexigas, pelo doutor Gualter Wade, Medico da nação Britannica, e do Collegio Real de Nobres, na Corte de Lisboa...”⁵



Fonte: Biblioteca Nacional - Lisboa

⁵ A imagem fac-similar do documento completo pode ser consultada facilmente no endereço eletrônico: <https://purl.pt/39647>.

2.1 Edição semidiplomática

CARTA⁶
A HUM AMIGO
SOBRE O ESTADO ACTUAL
DA INOCULAÇÃO
DAS
BEXIGAS,
PELO DOUTOR GUALTER WADE,
Medico da Nação Britannica,
E DO COLLEGIO REAL DE NOBRES
Na Corte de Lisboa⁷.
Medio tutissimus ibis. Ov. Metam. II. 137.
LISBOA, Na Offic. De Antonio Rodrigues Galhardo,
Impressor da Real Mesa Censoria. Anno 1768.
Com licensa da mesma Mesa.

5 Quid plura? Hanc artificiosam variolas
subeundi viam omnes nos Angli, a plebe ad
príncipes, nunc approbamus ; eamque omnes
quotquot medendo exercemur, humano ge-
neri conservando maximè accommodatum esse
jam diu persuasi sumus. hanc itaque non mo-
do quotidie persequimur, sed eam quoque,
pro humanitate nostra, Nationibus exteris
commendatam habere volumus. Si quae autem
10 sive superstitione ita occaecantur, ut tantam,
à coelo oblatam, salutem aspicere nequeant, si-
ve a novitate omni qualicumque ita sunt aver-
sae, ut eam accipere nolint; nos cum Poeta
celeberrimo vovere non dubitabimus:
15 *Dî meliora piis, erroremque hostibus illum*⁸.

Rob. Taylor orat. Harveian, 1755. in Not.

⁶ Carimbo (S.A.) acompanhado da anotação, à mão, do número 18582.

⁷ Carimbo esférico com os dizeres: BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA.

⁸ Tradução livre, pelos autores: “O que mais? Todos nós, ingleses, desde o povo comum até aos príncipes, aprovamos agora esta forma artificial de subjugar a varíola; e há muito que todos quantos praticamos medicina estamos convencidos de que ela é maximamente apropriada a preservar a espécie humana. Portanto, não apenas a perseguimos todos os dias, mas também queremos que seja recomendada às nações estrangeiras a bem da nossa humanidade. Se, no entanto, eles estão cegos pela raiva e pela superstição, de modo que são incapazes de olhar para tal salvação oferecida pelo céu, ou são tão avessos a qualquer novidade de qualquer espécie, que não querem aceitá-la; não hesitaremos em declarar como o poeta mais famoso: Que os deuses deem o melhor aos piedosos e erro aos inimigos. Rob. Taylor ora. Harveian, 1755. In Not.”

(I)

9

MEU AMIGO, E SENHOR.

EM quanto outros se occupão de novas politicas, dos interesses dos Principes, e dos funestros estragos, que ainda faz em
5 algumas partes da Europa a cega e cruel superstição, *Vossa mercê* com louvavel zelo procura informação do progresso das Artes, que promovem a *felicidade do Genero*
10 humano, dezejando saber o que nellas ha de novo e digno de se imitar. Particularmente chegou á sua noticia, que a Inoculação das Bexigas se pratica agora em In-
15 Aii glater-

(2)

|glaterra| com tal seguransa, que se trata como um divertimento; que vaõ ao campo para se inocular, empregando todo o tempo em
5 passeios e recreacoens de toda a casta. E sem nenhuma exageração he assim ao pé da letra, como verá dos documentos que ao diante citarei.
10 Se nunca houve novidade verdadeiramente util, que não encontrasse as maiores contradicsoens; se o modo de julgar das vantajens, que promete um descobrimento, he de alguma sorte de contar os oppozitores e os esforsos que fazem para o abafar; se enfim a auctoridade prevalece tempo consideravel contra os
15 factos e a mais solida e confirmada experiencia; fica sempre aos amigos da humanidade a consolação, que pelo tempo ficaraõ desarmados, e sem poder, os esforsos contrarios, e triunfante sempre
20 a verdade. Disto he uma prova
25 e no-

⁹ Carimbo esférico com os dizeres: BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA.

(3)

|e notável| exemplo a Inoculação,
que, depois de mais de quarenta
5 annos de oppozição, tem chegado
ao termo da universal approvação
naõ so dos sabios e iluminados,
mas tambem do vulgo e dos me-
nos instruidos. E se há já muito
tempo que se assenta com certe-
za, que naõ se morre das bexigas
10 inoculadas, quando saõ commu-
nicadas com prudencia e nas cir-
cumstancias precisas; com quanto
mais fundamento se pode asseve-
rar agora, que naõ ha exemplo
15 nem de morte, nem de molestia
reparavel entre os muitos e mui-
tos mil, que de tres ou quatro
annos a esta parte se inocularaõ
em Inglaterra de todas as idades
20 e temperamentos, e talvez sem
aquella escriptuloza attensaõ ás
circumstancias? Hum successo taõ
grande he a consequencia da per-
feição, a que tem chegado a arte
25 de inocular, e o methodo novo
da preparação, da applicação da
mate-

(4)

|materia|, dos remedios e do re-
gimen, com que se tem remo-
vido todo e qualquer perigo.
5 Nunca houve tempo mais fa-
voravel, que este, para excitar a
attensaõ do Publico neste objecto;
nem presumo haja ninguem, a
quem mais compete a empreza,
naõ so como envelhecido na di-
10 reccsaõ das bexigas tanto inocula-
das como naturaes, mas tambem
como obrigado a contribuir quan-
to cabe na minha esfera para a utili-
dade e felicidade da illustre, res-
15 peitavel e amavel Nação, de quem
trinta annos ha recebo as maiores

20 honras e attensoens¹⁰. E devo tudo
esperar do firme e illuminado Go-
verno; que se distingue tanto em
desterrar os abuzos e prevensoens,
que a perversidade junta com a
ignorancia estabeleceraõ com tan-
to sucesso.

25 A estes motivos accresce es-
tarmos agora com huma epidemia
de bexigas não taõ benignas, que
não

(5)

5 |naõ| morressem nestes dois mezes
mais de trinta pessoas na fregue-
zia de Santa Izabel, huma das
mais sadías desta cidade. E sup-
posto que todos os annos hajaõ
victimas desta terrivel doensa; he
notorio que varias vezes se passaõ
quatro ou sinco annos sem haver
mortandade maior: e he sem du-
10 vida que em grande parte mor-
rem pela malignidade e má quali-
dade da doensa, sem culpa dos
Medicos; sendo igualmente certo
que muitos se poderiaõ livrar da
15 morte, se entre as enfermeiras e
o vulgo em geral não prevalecesse
tanto a opiniaõ que no abafo e
no ar quente, no uzo de caldos
e de comer animal, na privaçãõ
20 das bebidas frescas e de todo o
refrigerio consiste todo o gover-
no das bexigas: methodo pestise-
ro e destructivo, não menos op-
posto á razaõ e á experiencia,
25 que aos dictames dos Medicos Ara-
bes, primeiros descriptores desta
doen-

¹⁰ O médico inglês parece ter vivido em Lisboa por mais de trinta anos, condição que lhe favorece o emprego da língua portuguesa com tamanha propriedade.

(15)

10 Para dar inicio ao assump-
to da Inoculaçã das bexigas, de-
vo advertir que para *Vossa mercê*, instrui-
do, como he, na historia Litteraria
15 e Medica, naõ era necessario ex-
por lhe a historia, a operaçã e as
objecsoens da antiga Inoculaçã:
mas como o seu ardor para o bem
publico iguala as suas luzes; e a
20 sua parcialidade para comigo po-
deria induzi llo a divulgar para o
mesmo fim esta Carta com todas
as suas imperfeçoens; me he pre-
cizo resumir o que se tem dito
25 e escrito de melhor, escolhendo
o que servirá melhor para remo-
ver as preoccupaçoens do Publi-
B co

(16)

|co| contra o maior mimo tempo-
ral, que Deos na sua Divina mi-
zericordia concedeu aos mizera-
veis mortaes.
5 Os Livros, que tratam da Ino-
culaçã; saõ inumeráveis: o uni-
co delles, que me consta se acha
na lingua Portugueza, he a Pri-
meira Memoria de *Mr De La Com-*
10 *damine*, traduzida do francez, e
augmentada com notas e refle-
xoens pelo Doutor Manoel de Mo-
raes Soares, Medico estimado nes-
ta Corte. Esta com a Segunda Me-
15 moria do mesmo *Mr. De La Com-*
damine, que se acha no Tomo pa-
ra o anno 1758 da historia da Aca-
demia Real das Sciencias de Pa-
riz, impressa com mais extensaõ
20 no anno 1763, contém huma his-
toria seguida do principio, pro-
gressos e revoluçoens da Inocula-
çã até áquella data. As duas
Obras do Excellente *Tissot* da *Ino-*
25 *culaçã justificada*, e da sua Carta a
Mr de Haen, escritas na lingua
Fran-

(17)

[Franceza]; a ampla e completa
Obra do *Doutor Kirkparick* na
lingua Ingleza, intitulada a *Ana-*
lysis da Inoculação, muito accres-

5 centada na segunda Edição do an-
no 1761; e ultimamente as No-
tas da *Oração Harveiana*, e a *Epis-*
tola Critica do Doutor *Roberto*
Taylor Medico eminente na Cor-
te de Londres, que morreu não

10 ha muito tempo: nestes quatro
Auctores, digo, ha tudo o que
se pode dezejar de saber nesta
materia: e todos responderão di-

15 rectamente e victoriosamente ás
difficultades do justamente cele-
brado Professor *De Haen*, o uni-
co adversario da Inoculação, di-
gno de uma refutação; e que

20 talvez convertido agora está con-
correndo para a introducção da
Inoculação na Corte de Vienna,
proclamada já da publica fama :
e se assim for, será uma acquizi-

25 ção tanto mais estimavel, que já
por toda a Europa se respeita não
Bii me-

(18)

|menos| o seu candor, que a sua
vasta litteratura: pelo que me tó-
ca reconheço que devo os maio-
res acertos da minha arte ás Obras,

5 que sahiraõ da sua elegante pen-
na, de vinte e quatro annos a
esta parte.

As duvidas deste Professor se
reduzem a quatro questoens; e

10 nellas se inclui tudo, quanto se
tem dito contra a Inoculação até
agora.

A primeira he: *Se a inocula-*
ção he permittida pela lei
Divina?

15 R E S P O S T A .

Todos os Theologos e Mora-
listas assentaõ que a nossa

20 vida he um depozito, que em
consciencia fomos obrigados a con-
servar: logo, no risco de perder
este depozito, devemos buscar to-
dos

(19)

|dos| os meios que a prudencia in-
dica para o defender; ...

(37)

5 |assim| devia de ser, se attendemos
que pela forsa da verdade alcan-
sou nesses Dominios a inoculação
huma victoria das mais comple-
tas sobre os obstaculos do cego
affecto dos parentes, da supersti-
ção, do odio contra toda a inno-
vação, e finalmente contra as in-
10 trigas e a parcialidade dos oppo-
zitores interessados em destrui lla:
e se deve lembrar para a honra
e credito dos Medicos Brittani-
cos, que desde o principio foraõ
15 acerrimos Promotores da inocu-
lação, sacrificando assim o melhor
dos seus emolumentos na cura
constante e continua das bexigas
naturaes: mas esta perca ficou lar-
20 gamente recompensada dando lhes
huma occasiaõ (que todo o ho-
mem honrado deve ardentemente
abraçar) de mostrar publicamen-
te quanto preferem o commodo
publico ao proprio.
25 Tenho acabado a refutaçaõ
das duvidas do Professor de Vien-
na:

(38)

5 |na|: fica outra industriosamente
propagada pela perversidade de
huns, e o medo natural de ou-
tros; e he: Que a materia, que
se aplica, pode communicar
qualquer outro achaque ou dispo-
ziçaõ morbosa, que existe no so-

10 geito, donde se tira. A mais leve
reflexão basta para convencer-se
do pouco pezo desta objecção;
pois facil he de escolher para este
fim sogeito livre de similhante
15 complicação; e não podendo ser,
he muito provavel que a quantidade
do fermento, que se introduz,
sendo infinitamente pequena,
e a qualidade della taõ especificamente¹¹
20 variolozza, e separada como tal
na pelle depois da fermentação
nos humores do sogeito, donde se
tira, não he capaz de produzir
senaõ a doensa que se procura.
Seja este discurso como for:
25 a experiencia prova que nunca se
communicou pela inoculação
outra labe¹², senaõ a dezejada;

(39)

|da|; e entre muitos mil exemplos
baste o seguinte, relatado pelo
Doutor *Kirkpatrick*.

... .E agora
chego ao methodo de inocular, que
tenho praticado os annos antecedentes
nesta Corte nas famílias
25 Estrangeiras, unicas que até agora
abraçaraõ este utilissimo preservativo

(40)

|zervativo| (ao menos em Lisboa)
e com o mais completo successo.

Hum fio dobrado impregnado
da materia de huma ou mais pustulas
5 maduras pouco ou muito tempo
antes, se introduz em huma incisão
superficial feita pelo Cirurgiaõ
em hum ou ambos os braços, na
parte onde se costuma abrir fon-

¹¹ espetificamente] especificamente

¹² Conforme Bluteau, a palavra *labes*, do latim, significa reputação.

10 tes: cobre-se com hum emplastro;
e se deixa sem tirar o espaço de
dois dias.

Este he o methodo ensinado
nos livros, e repetido por todos,
15 de quarenta e mais annos para cá
com pouca differença: e o mesmo
se pode dizer da preparação e do
regime dos inoculados: e parece
que os Auctores destes livros não
20 tiverão outro objecto senão a apo-
logia da inoculaçã, suas utilida-
des e beneficios, sem se lembrar
de aperfeiçoar o methodo.

Constantemente rejeitei como
25 arriscados para a inoculaçã os
achacados, para sempre, se forem
incu-

(41)

|incuráveis], e se admittiaõ cura,
até ser restituida a saude. Só em
cazo de necessidade consenti que
se fizesse nas crianças de poucos
5 mezes de idade: não porque creia
que o risco seja maior; antes a
minha experiencia me tem com-
vencido do contrario: mas por-
que naquella tenra idade a vida
10 he taõ fragil e taõ sujeita a acci-
dentes, que em algumas das prin-
cipaes cidades da Europa morre
mais da metade dos nascidos, antes
de chegar a idade de dois annos;
15 e injustamente se attribuiria qual-
quer evento destes, succedido ou
no tempo da inoculaçã ou depois
della (ainda que totalmente inde-
pendente) ao effeito da infecsaõ em
20 detrimento do progresso da pratica
e do bem publico, que sempre
deve prevalecer contra a conve-
niencia particular. Tambem tenho
evitado de a fazer no Outonno por
25 ser estaçã propria das doensas
putridas: e no tempo da forsa
das

(42)

|das| epidemias das bexigas, me pareceu sempre imprudencia intentar a inoculação sem grande necessidade, não tanto pelo medo de acumular contagios, que se achou ser imaginario; como pela bem fundada apprehensão que o contagio natural pode estar lavrando nos humores do inoculado, e seguir-se cazo funesto, que sem duvida se havia de carregar na conta da inoculação.

5
10
15
20
25
fiz

Recommenderei para a preparação em geral quinze dias ou tres semanas de abstinencia de carne e de todo o comer animal, permitindo vegetaveis, lacticinios (exceptos queijo e manteiga) farinhas, caldos de cevada, de aveia, de arroz, pasteis de fruta, e o uso de agua para unica bebida; e aos que se achavaõ costumados a almoçar chá, caffè com leite ou chocolate, permitti que os continuassem. Duas ou tres vezes neste tempo, com intervallos iguaes,

(43)

|fiz| tomar uma purga diferente conforme os temperamentos, mas em geral era de Calomelanos ou Mercurio doce, acompanhado de manná e sal Cathartico ou Glauberiano: e me inclinei aos purgantes mercuriaes pelo excellente successo que sempre tive delles em varias molestias de criansas, originadas de lombrigas, de impuridades e viscos nas primeiras vias, ou das glandulas abdominaes infartas e entupidas; e pela brandura e efficacia com que produziraõ o seu effeito até extinguir febres lentas produzidas por aquellas cauzas: inclinei-me ainda mais pela recommendação

20 de muitos dos melhores Medicos
e mais habéis inoculadores do nos-
so tempo. Feita a operação, fiz
continuar a todos o mesmo regi-
me da preparação até o fim da
25 molestia, sómente obrigando-os a
guardar a cama em quanto dura-
va a febrinha: e depois da erupção
feita

(44)

|feita| e completa, permitti que se
levantassem, mas sem se expor ao
ar frio, bebendo a sua agua, ou
soro de leite quazi frio: procurei
5 em todo o tempo que tivessem o
ventre livre ainda mais, que no
tempo da saude: acabada a moles-
tia, os fiz purgar um par de ve-
zes com manná¹³, sal Cathartico¹⁴
10 amaro, ou outra qualquer das la-
xantes benignas.

No meio desta e de outras
occupaçoes, haverá dois annos que
tive varias e muito pazmosas no-
ticias do successo extraordinario
15 da inoculação em diversas partes
de Inglaterra, feita por varios
aventureiros e homens em tudo
rudes, aos quaes ninguem se atre-
20 veria de se fiar em outras moles-
tias; e entre outros hum lacaio sa-
hio do serviço de seu amo para ir
praticar a inoculação: mas com
estes não devo confundir os cha-
25 mados *Sutton* pai e filhos, Cirur-
gioens de profissaõ, que merecem
todo

(45)

|todo| o louvor não só pelo que in-
ventaraõ para aperfeiçoar esta ar-
te, mas tambem pela confiansa que
excitaraõ no povo; da qual re-
5 zultou ser inoculado hum numero
immenso, que aliàs o não seria.

¹³ Planta cujo tronco solta substância doce.

¹⁴ Medicamento que acelera ou aumenta a evacuação intestinal, a purgação.

(51)

E como seria tediozo copiar
quanto dizem do assumpto, e que
os Suttons tem a primazia da in-
vensaõ, e tambem os maiores suc-
cessos e a maior parte da Naçaõ
5 da sua parte; relatarei o que os
livros, as correspondencias de
meus amigos, e as mais escrupulo-
zas inquiriçoens me tem ensinado
10 do seu methodo.

(57)

Assim preparado, e chegado
á ca-

(58)

|á caza| da inoculaçaõ, entra em
hum quarto publico; onde pro-
vavelmente encontra huma com-
panhia numeroza nos diversos pe-
5 riodos da inoculaçaõ. O Cirur-
giaõ abre huma pustula¹⁵ de hum
da companhia, em que a materia
ainda está crua; e com a lanceta
molhada nella faz huma incizaõ
10 ou duas muito pequenas na cuti-
cula, sem penetrar a cutis no bra-
ço; e depois de alimpar¹⁶ nella os
lados da lanceta, a deixa, sem
applicar o minimo aparelho ou
15 emplastro; e não precisa mais da
maõ da Cirurgia: ás vezes tira a
materia ou a lymfa para a inocu-
laçaõ das mesmas incizoens no
tempo em que se declara a infec-
saõ; e taõ longe está de se temer a
20 accumulacaõ de infecsaõ, que mui-
tas vezes faz dormir na mesma ca-
ma hum novamente inoculado com
outro adiantado já na cura; e al-
25 gumas vezes em huma sala, onde
se achaõ mais quatro ou sinco.

Na

¹⁵ Pequeno tumor inflamatório da pele, que se torna purulento.

¹⁶ Tornar limpo.

(59)

[Na] noite successiva á operação faz
tomar uma pirola¹⁷, a qual se re-
pete huma noite sim outra naõ,
até vir a febre. Neste tempo to-
5 do recommenda com forsa o exer-
cicio moderado no ar livre.

Vinte e quatro horas depois
da operação, distingue ás vezes
se pegou ou naõ a infecsaõ. To-
10 dos os dias examina a incizaõ;
e dela parece prognosticar com
algum grau de certeza a qualida-
de da molestia futura. Tres dias
depois da operação (se pegou)
15 apparece sobre a incizaõ huma no-
doa semelhante á mordedura de
pulga, naõ ainda levantada da pel-
le. Esta nodoa insensivelmente se
faz huma borbulha vermelha: e
20 depois huma ampõlla cheia de lym-
fa clara: esta amadurece como as
pustulas das bexigas, mas he a ul-
tima que cahe. Quanto mais ex-
tensa he a mudança da cor para
25 a vermelha ao rodór da incizaõ,
tanto mais branda e diminuta cos-
tuma

(62)

[de] determinar e fixar nestes cli-
mas meridionaes; he me preciso
comparar esta com a antiga, para
5 ver qual das duas merece a pre-
ferencia, ou, para dizer melhor,
quaes saõ as circumstancias que
rendem a nova taõ prodigiosa-
mente feliz em todas as idades,
temperamentos e hábitos, em
10 criansas de poucos mezes de ida-
de, em velhos de 70 annos, em so-
geitos escrofulozos, escorbuticos,
arthriticos, corpulentos e de vi-
da irregular; e por ultimo mu-
15 lheres no estado de prenhez, que,
calando ou ignorando o seu em-
baraço, se deixaraõ inocular sem
o mínimo inconveniente; e huma

¹⁷ Pírola – pílula.

20 em particular pario, nove semanas
depois da inoculaçãõ, com bom suc-
cesso huma criansa com signaes
evidentes das bexigas, ainda que
a mãi tinha tido muito poucas.

(74)

Tenho satisfeito de modo pos-
sivel

(75)

|sivel| nos limites de huma Carta
ao preceito de *Vossa mercê*, dando-lhe o
que achei mais a propozito e mais
importante na maior parte dos
5 Auctores sobre este assumpto,
uzando de suas proprias idéas e
modos de se exprimir: e conhece-
rá facilmente o que he meu pela
correcação que precisa, e que es-
pero de *Vossa mercê*.

10 Não resta mais senão offere-
cer os mais fervorozos votos pa-
ra que se extenda neste Reino a
pratica de Inoculaçãõ; de que se
estabeleça nos vastos Dominios
15 Ultramarinos do Imperio Luzita-
no, cuja forsa, felicidade e segu-
ransa dependem principalmente do
numero dos seus habitantes, co-
mo nos mais Estados: e devereãõ
20 assim a seguransa das suas vidas
milhares de Vassalos ao Invicto
e Magnanimo Monarca, a quem
devem já a liberdade de suas pes-
soas, bens e commercio. Do seu
25 mais antigo sabio e fiel Ministro
de

(76)

|de| Estado posso assegurar em te-
meridade, que pensa neste parti-
cular como em tudo o mais; e com
o mesmo animo superior e eleva-
5 do espirito que o distinguem tan-
to da maior parte dos homens.
Deos guarde etc.
Lisboa, a 26 de Outubro de 1768.

18

¹⁸ Carimbo na forma esférica, com os dizeres: BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA.

3 Filologia: o manuscrito como fonte de pesquisa

O presente ofício, uma segunda via, assinalada como tal no documento, foi a escolhida dentre as duas vias presentes no acervo, disponíveis em formato de imagem de microfilme, pelo Arquivo Histórico Ultramarino, e identificadas como AHU_ACL_CU_023, Cx. 7, Doc. 400 para esta transcrição, por se mostrar mais completa. Como referência para o tema desta pesquisa, o documento foi selecionado por contrapor os diferentes métodos de enfrentamento à varíola utilizados na Europa.

Quando o pesquisador se desculpa por não ter tido a oportunidade de consultar fisicamente o documento para realizar de maneira apropriada a análise material de um documento de arquivo, ao mesmo tempo, ele se regozija por estar tendo a oportunidade de consultar tal documento. E celebra, com o Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco, do Ministério da Cultura do Brasil, a parceria do Ministério das Relações Exteriores, de várias universidades, fundações, arquivos e instituições culturais e de apoio à pesquisa, pela quantidade de guias e catálogos disponíveis para consulta virtual, que até a década de 1990 só poderiam ser consultados mediante viagem aos arquivos europeus.

Um exemplo dentre os inumeráveis documentos disponíveis para consulta é o manuscrito que estamos divulgando nesta pesquisa, do Arquivo Histórico Ultramarino. Um único fólio revela, no seu tempo real, atitudes e comportamentos de autoridades, provedores, ouvidores, governadores civis e militares, vice-reis, oficiais das câmaras etc., assim como de funcionários civis, militares e eclesiásticos e de colonos em geral (Belloto, 2006, p. 295), para que os pesquisadores possam enriquecer o diálogo com os documentos coloniais luso-brasileiros.

Portanto, mesmo não sendo possível descrever, por exemplo, o tipo de papel utilizado na escritura desse documento, a imagem disponibilizada oferece outras tantas informações importantes para o estudo da autenticidade do manuscrito. Uma delas é a tradição, aspecto analisado pela Diplomática, que mostra como esse manuscrito chegou ao século XXI, ou seja, na sua forma original, em duas vias praticamente idênticas. Na segunda via, há uma anotação da data do documento, no cimo do fólio, e porque nenhuma anotação deve ser descartada para os estudos filológicos, foi esse o testemunho escolhido para a transcrição. O documento é classificado como ofício pelo Arquivo onde está custodiado. Trata-se, segundo Belloto (2002), de documento não-diplomático, informativo, utilizado para a comunicação entre órgãos públicos em caráter oficial e que, apesar de não ser um documento diplomático, tem uma redação mais ou menos padronizada. O manuscrito analisado apresenta as seguintes partes: Data do ofício; No. do Ofício (N^o: 18); vocativo (Ilustríssimo e excelentíssimo Senhor); texto do documento; fecho de cortesia (Deus guarde a Vossa Excelência); data tópica e cronológica (São Paulo, 29 de novembro de 1775); nome da autoridade destinatária (Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello e Castro); assinatura do remetente (Martim Lopes Lobo de Saldanha); anotação “2^a via”.

O carimbo registrado após o vocativo identifica o ofício como um documento custodiado pela Biblioteca Nacional de Portugal – Seção Ultramarina.

Do ponto de vista paleográfico, é possível conjecturar, comparando-se elementos da escritura como a morfologia, o ângulo, o ductus, o módulo e o peso da letra “d”, por exemplo, que a carta não foi escrita pelo mesmo punho que a assinou. Provavelmente, o autor material do ofício é um escrivão profissional, cabendo ao governador, talvez, ditar e, por fim, assinar o manuscrito. Os nomes das autoridades são reconhecidos pela história colonial brasileira.

As informações apresentadas sobre a materialidade desse manuscrito são suficientes para considerá-lo autêntico e fidedigno para ser utilizado como fonte nos mais variados tipos de pesquisas.

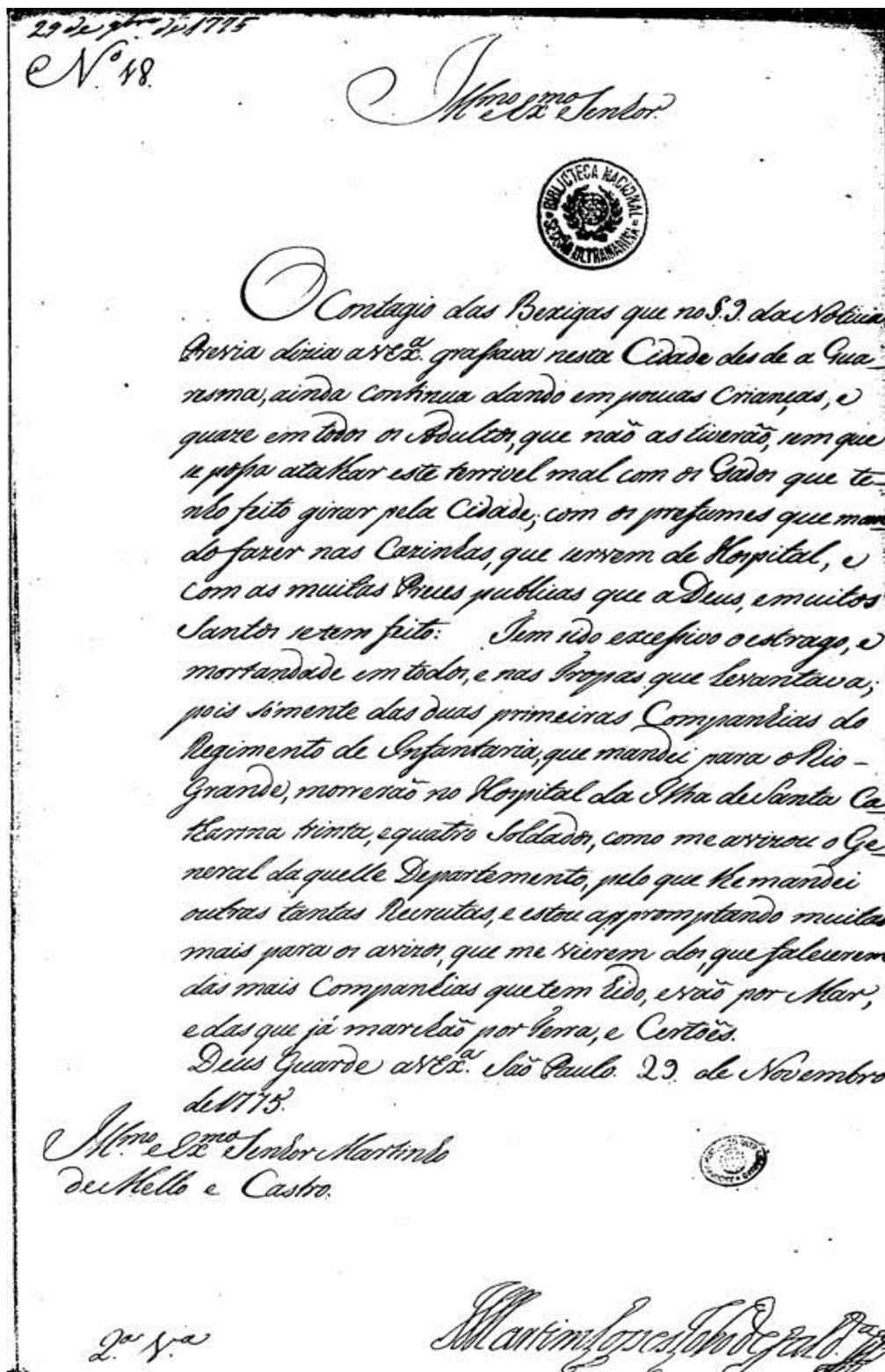
4 Normas de transcrição

A presente edição semidiplomática – justalinear com a edição fac-similar do fólio único do documento – segue as normas de transcrição propostas por Toledo Neto (2020):

1. As fronteiras de palavras são atualizadas conforme o modelo atual.
2. As abreviaturas são desenvolvidas, marcando-se - em itálico - as letras omitidas, respeitando a grafia do manuscrito;
3. Paragrafação, grafemas, pontuação e acentuação do modelo são fielmente reproduzidas.
4. O emprego de letras maiúsculas e minúsculas é mantido, como se apresenta no modelo.
5. Os alógrafos contextuais de caracteres são uniformizados segundo o alfabeto atual.
6. Carimbos são descritos em nota de rodapé.
7. A divisão das linhas do modelo é preservada ao longo do texto.
8. Na transcrição, as linhas são numeradas de cinco em cinco, a partir da quinta. Essa numeração encontra-se à margem direita da mancha, à esquerda do leitor.
9. Os sinais públicos são sublinhados e indicados entre colchetes. Exemplo:
[Bernardo Jose de Lorena];

4.1 Edição fac-similar

Figura 2. Ofício do governador da capitania de São Paulo ao Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos.



Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino.

LINHA D'ÁGUA

Todo conteúdo da *Linha D'Água* está sob Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0.

4.2 Edição semidiplomática

29 de novembro de 1775

Numero 18

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor.

19

5 O Contagio das Bexigas que no f 9 da Noticia
Previa dizia a *Vossa Excelencia* grassava nesta Cidade desde a Qua_
resma, ainda continua dando em poucas crianças, e
quaze em todos os Adultos, que não as tiveraõ, sem que
se possa atalhar este terrivel mal com os Gados que te_
10 nho feito girar pela Cidade, com os perfumes que man_
do fazer nas Cazinhas, que servem de Hospital, e
com as muitas Preces publicas que a Deus, e muitos
santos se tem feito: Tem sido excessivo o estrago, e
mortandade em todos, e nas Tropas que levantaua;
pois sómente das duas primeiras Companhias do
15 Regimento de Infantaria, que mandei para o Rio-
Grande, morrerãõ no Hospital da Ilha de Santa Ca_
tharina trinta, e quatro soldados, como me avizou o Ge_
neral da quelle Departamento, pelo que lhe mandei
outras tantas Recrutadas, e estou appromptando muitas
20 mais para os avizos, que me vierem dos, que falecerem
das mais Companhias que tem hido, e vaõ por Mar,
e das que já marchaõ por Terra, e Certões.

Deus Guarde a *Vossa Excelência* . São Paulo. 29. de Novembro
de 1775.

25 *Illustrissimo e Excelentissimo* Senhor Martinho
de Mello e Castro.

20

[Martim Lopes Lobo de Saldanha]

2ª. Via

¹⁹ Presença de carimbo em forma esférica, com os dizeres: BIBLIOTECA NACIONAL – SECÇÃO ULTRAMARINA.

²⁰ Presença de carimbo em forma oval, com os dizeres: ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO.

5 Contextualização cultural: a importância do letramento em saúde para o controle da varíola no século XVIII

Com o objetivo de trazer à luz alguns desafios sanitários já superados pelos nossos antepassados, destacamos o texto de 1768, editado com normas semidiplomáticas, que trata dos benefícios da inoculação contra a varíola, e os esforços do dr. Gualter Wade para convencer a população e as autoridades sobre a credibilidade dessa abordagem. A necessidade de convencimento da população para os benefícios da inoculação e, tempos mais tarde, da vacinação parece se repetir ao longo do tempo. Não importam as informações científicas sobre o método que reduziu a mortalidade causada por tantas doenças infectocontagiosas, muitas já erradicadas. De tempos em tempos, a credibilidade sobre a eficácia da vacinação entra em crise. Não por acaso, o texto do documento setecentista torna-se atual, na medida em que todos os dias, no Brasil, país com um dos maiores programas nacionais de imunização do mundo, mas com problemas educacionais que favorecem a disseminação de notícias falsas, a cobertura vacinal da população vem caindo. É preciso, diariamente, desmentir as *fake news* e abordar a população para a importância do letramento digital, que permite ao usuário o reconhecimento de fontes confiáveis de informações.

Também no século XVIII, além do problema da assistência médica, havia a preocupação com os efeitos das epidemias, principalmente, da varíola. Vários textos médicos defendiam a inoculação como prática para se conter os surtos da doença. Se em outubro de 1768, um texto impresso – a carta do dr. Wade – veiculava o sucesso da inoculação praticada na Inglaterra, explicando aos governantes a técnica e as inovações dos métodos utilizados, em julho de 1799, o *Jornal Encyclopédico*²¹ publicava outra carta, que já defendia ostensivamente a inoculação das bexigas (Abreu, 2006).

Crescia a necessidade não só de se atingir o maior número possível de pessoas com noções de medicina, como também de se combater a charlatanice.

A cultura impressa contribuiu, nesse sentido, para o desenvolvimento de um gênero específico de literatura médica, cuja característica mais evidente residia no seu caráter pedagógico (Abreu, 2006, p. 196).

Segundo Chartier (2004), o conteúdo dos impressos era absorvido tanto pelas pessoas instruídas como pelos iletrados, que recebiam as informações sobre saúde e medicina através de mediadores, que liam, em voz alta, os textos em circulação em Portugal e na América portuguesa.

Na segunda metade do século XVIII, um médico inglês, dr. Gualter Wade, que vivia em Lisboa, Portugal, escreveu uma carta a um ministro do reinado de D. José I, para responder a uma consulta sobre o que haveria de novo e digno de se imitar no progresso das Artes em

²¹ *Jornal Encyclopédico*. Dedicado à Rainha Nossa Senhora, destinado à instrução geral, com a notícia dos novos descobrimentos em todas as sciencias e artes. Lisboa, Impresso na Tipografia de António Rodrigues Galhardo, impressor da Real Mesa Censória, Criado em 1779. Disponível em: <https://purl.pt/33878>. Acesso em: 23 fev. 2024.

relação ao combate à varíola. O destinatário, portanto, seria um representante do governo português, sob o reinado de D. José I. O médico inicia a carta elogiando a autoridade pela iniciativa de buscar informações científicas como alternativa para solucionar a epidemia de varíola, também conhecida como “bexigas”.

Nas 76 páginas da encadernação, o autor organiza o texto em vários tipos de abordagens para garantir que o leitor compreenda como funciona o método da inoculação das bexigas, para então concordar com a sua utilização, de preferência, em massa, para anular, o mais rápido possível, a mortandade causada pela varíola.

A primeira delas, registrada entre as páginas 1 e 15, é a descrição do método da inoculação como um procedimento simples, fácil e eficaz, apesar das opiniões contrárias, vindas dos mal-intencionados e ignorantes.

Na página 15, o autor considera o letramento do destinatário na história literária e médica suficiente para não precisar rever o antigo método de inoculação. Entretanto, prevendo a divulgação da carta, passa a considerar também o letramento do público mais amplo que iria ler o documento e, então, se põe a explicar esse método, com o objetivo de remover as preocupações do público contra o maior presente que Deus concedia aos miseráveis mortais: a inoculação como prevenção contra a varíola. Da página 15 a 18, o dr. Wade cita livros e autores de vários países que praticavam a inoculação.

A partir da página 18, o médico responde a quatro perguntas formuladas pelo professor De Haen, de Viena, um adversário da inoculação, porém respeitado pela fama e digno de refutação. Segundo o autor, nas perguntas desse professor, era possível incluir tudo quanto se vinha dizendo contra a inoculação. Por isso, fazia questão de respondê-las. Até a página 37, as perguntas aparecem em destaque: 1) Se a inoculação é permitida pela Lei Divina; ii) se as bexigas inoculadas conservam mais vidas que as naturais; iii) se é muito certo que quase todos devem ter cedo ou tarde as bexigas; iv) se é fora de toda a dúvida que a inoculação, produzindo ou não as bexigas, abriga no insulto delas todo o resto da vida.

As respostas incluem citações, estatísticas, casos, depoimentos de especialistas, incluindo teólogos e religiosos, lembrando o formato de políticas públicas de saúde atuais, criadas para combater a desinformação. Por fim, à página 38, o próprio dr. Wade acrescenta uma dúvida que se propagava pela perversidade e ignorância de alguns: que a matéria que se aplicava poderia comunicar qualquer outra doença do sujeito do qual fora retirada. Para responder a essa questão, ele explica detalhadamente o funcionamento do método de coleta e de inserção do material das bexigas e garante que não há contraindicação para a inoculação. Se evitava fazê-la em bebês, por exemplo, era porque, naquela época, a taxa de mortalidade infantil até dois anos de idade era muito alta e os casos de morte seriam injustamente atribuídos à inoculação. Deixa claro que até mesmo no método antigo da inoculação, que ele rejeitava, não havia o risco de se contaminar com outras doenças.

Desde a página 42 até às páginas finais, o médico passa a explicar o método atualizado para se proceder à inoculação das bexigas, que compreendia basicamente três etapas: a preparação do paciente, a inoculação propriamente dita e o acompanhamento pós-inoculação. A preparação previa o uso de laxantes²², a inoculação deveria ser feita por uma incisão muito pequena, e o período pós-inoculação exigia a exposição ao ar livre e a ingestão de água fria. Esses eram os pontos que distinguiam o método antigo do método novo. A preocupação com a pequenez da incisão vai se assemelhando cada vez mais com o método da vacinação.

No desfecho da carta, o autor explicita seu desejo de que a inoculação se estabeleça nos vastos domínios ultramarinos do Império Lusitano, e assim, milhares de vassalos agradeceriam a segurança de suas vidas ao magnânimo monarca, o Rei D. José I.

Mas não era assim que estava acontecendo na colônia, ainda no ano de 1775. O documento manuscrito editado com normas semidiplomáticas, identificado pelo próprio órgão governamental emissor – a capitania de São Paulo – como “N.º 18”, datado de 29 de novembro de 1775, fora encaminhado pelo capitão-general da capitania de São Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha, ao secretário de Estado da Marinha e do Ultramar, Martinho de Mello e Castro, informando sobre o contágio das bexigas, que não se continha, mesmo com as receitas que vinham praticando na cidade de São Paulo, e sobre as providências que o governo vinha tomando para substituir os soldados mortos pela doença.

Desde 1564, várias epidemias de varíola foram registradas na capitania de São Paulo: em 1702, 1723, 1724, 1727, 1729, 1730, 1732, 1735, 1741, 1744, 1761, 1768, 1775, 1780, 1784, 1790 e 1798. Os paulistas tinham pavor das bexigas (Camargo, 2007). O texto do documento traduz a incapacidade do governo instalado na colônia, talvez pela demora da chegada de informações científicas e medidas eficazes, para solucionar a epidemia de varíola, limitando-se a constatar como a doença consumia a população e a substituir os soldados mortos.

Ao contexto de providências caseiras e nada eficazes com o objetivo de se controlar a epidemia de bexigas na colônia – onde as medidas de prevenção e de tratamento da doença se baseavam em: i) fazer girar os gados pela cidade; ii) manipular perfumes nas casinhas, que serviam de hospital; e iii) dirigir preces públicas a Deus e aos santos – contrapõem-se as ações, na metrópole, de conscientização para que se utilizasse, em massa, a inoculação das bexigas, já praticada desde o ano de 1728, na Inglaterra, segundo afirmava o dr. Gualter Wade, em sua carta de 1768.

Tanto a carta do médico, de 1768, informando sobre o sucesso da inoculação das bexigas para a erradicação da doença na Europa, quanto o ofício do governador da capitania de São Paulo, revelando a insistência no uso de mezinhas e a sua ineficácia contra o surto de varíola na colônia, foram encaminhados à secretaria de Estado do reinado de José I. Portanto, os secretários de Estado detinham as informações sobre o sofrimento na colônia, causado ainda

²² Teria sido essa a origem das falsas notícias disseminadas durante a pandemia da covid-19, que indicavam o uso de ivermectina como remédio para combater esse vírus tão nocivo?

em 1775, pelas epidemias de varíola, enquanto novas medidas seguras e eficazes para dissipar essa crise sanitária eram já amplamente divulgadas em Portugal e praticadas na Inglaterra e em outros países da Europa.

Os primeiros relatos sobre a prática da inoculação das bexigas no Brasil foram registrados na capitania do Rio de Janeiro em 1798 e na de Minas Gerais em 1799 (Grossi, 2018, p. 63), mesmo ano da publicação, no *Jornal Encyclopédico*, de Lisboa, do sucesso dessa técnica para a prevenção da doença.

Documento de janeiro de 1803, pesquisado pelo endereço eletrônico do Projeto Resgate de Documentação histórica Barão de Rio Branco²³, cadastrado no Arquivo Histórico Ultramarino²⁴ como “Ofício do governador e capitão general da capitania de São Paulo, Antonio José da França e Horta, ao [secretário da Marinha e Ultramar], visconde de Anadia, João Rodrigues de Sá e Melo Meneses e Souto Maior sobre as medidas que vai tomar sobre as inoculações contra a epidemia de bexigas na capitania de São Paulo”, anunciava a chegada, a São Paulo, do método científico mais moderno à época para prevenir a varíola: a inoculação anteriormente prescrita pelo dr. Wade.

Ao certo, sabe-se que a primeira inoculação, ou seja, transferência de material contaminado com o vírus de um indivíduo doente para um saudável, no Brasil, foi realizada por Francisco Mendes Ribeiro de Vasconcelos, em 1798. Já a primeira vacina²⁵ contra a varíola chegou ao Brasil em 1804, trazida pelo marquês de Barbacena (Marcolin, 2007). Segundo *Gazeta* (2014), a chegada da vacina contra a varíola marcou, inclusive, o nascimento da saúde pública no Brasil.

Apesar da determinação, em 1805, da obrigatoriedade da vacinação, ela não foi popularmente aceita. Apesar desse comportamento, a data da implementação da imunização marca o fim dos surtos dessa doença na capitania de São Paulo e nas demais capitanias do Brasil.

Considerações finais

Não é da natureza de trabalhos filológicos trazer dados estatísticos, mas, sim, recuperar textos de épocas pretéritas que possam ser considerados obscuros ou negligenciados. Desse modo, o foco principal desses trabalhos reside na análise linguística e contextual, buscando resgatar nuances e significados que possam ter se perdido ao longo do tempo.

Além disso, a filologia, como ciência, almeja desvendar as camadas semânticas e históricas presentes em documentos antigos, manuscritos ou obras literárias, proporcionando

²³ Disponível em: <http://resgate.bn.br/docreader/docmulti.aspx?bib=resgate>. Acesso em: 24 fev. 2024.

²⁴ AHU_ACL_CU_023, cx 19, D. 941.

²⁵ Descoberta pelo médico inglês dr. Edward Jenner, em 1798.

uma compreensão mais profunda das sociedades e das culturas que os produziram. Dessa forma, concentra-se na riqueza intrínseca das palavras e das expressões, oferecendo uma janela única para o passado, contribuindo para a preservação e apreciação do patrimônio linguístico e cultural, em terras portuguesas e brasileiras, por intermédio da transcrição de dois testemunhos do século XVIII.

A transcrição e os estudos, ainda que genéricos, desses dois textos, contribuem para demonstrar como o letramento em saúde interfere no êxito ou no malogro do enfrentamento a doenças infectocontagiosas, como a varíola, desde os tempos mais longínquos. Pela ótica do texto escrito pelo dr. Wade, a inoculação das bexigas, método que precedeu a vacinação, já em 1768, vislumbrava a erradicação da doença. No texto do ofício do governador da capitania de São Paulo, a insistência no uso de artifícios baseados em credences populares para atalhar o mal das bexigas, referendada por autoridade do governo colonial, na cidade de São Paulo, mantinha a própria população em círculos, às voltas com métodos que não conseguiam controlar as mortes pela doença.

Referências

- ABREU, J. L. N. *O corpo, a doença e a saúde: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. 2006. Tese (doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VCSA-6XWMHK>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- ACKEL, A.; MADEIRA, M. de F. N. Os caminhos da codicologia. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2021. DOI: <http://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETD02114359>.
- ALMADA, M. Cultura escrita e materialidade: possibilidades interdisciplinares de pesquisa. *Pós*, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 134-147, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3sQ4Stv>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- BELLOTO, H. L. *Como fazer análise diplomática e tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.
- BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: Editora FGV, 2006.
- CAMARGO, L. S. As “bexigas” e a introdução da vacina antivariólica em São Paulo. *Histórica – Revista eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 28, 2007. ISSN: 1808-6284. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao28/materia03/>. Acesso em: 04 fev. 2024.
- CHARTIER, R. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- DIAS, E. *De uma página a outra: o reclame em livros manuscritos e impressos do século XVI ao XIX*. São Paulo: Miró Editorial, 2018.
- GAZÊTA, A. A. B. Dossiê História & Saúde: com a varíola, nasce a saúde pública. *Revista História Viva* – Dezembro 2014. Disponível em: <https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/dossie-historia-saude-com-a-variola-nasce-a-saude-publica/>. Acesso em: 24 fev. 2024.
- GROSSI, R. F. O universo da cura na Capitania de Minas Gerais (1750-1808). *História: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto*, v. 6, p. 49-68, 2018. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/3784>. Acesso em: 24 fev. 2024.

MARCOLIN, N. Veredicto Oficial. *Revista FAPESP*. Edição 139, set. 2007. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/veredicto-oficial/>. Acesso: 23 fev. 2024.

MÓDOLO, M.; MADEIRA, M. de F. N. A cultura material como disciplina filológica: do manuscrito ao texto eletrônico. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2021. DOI: <http://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETDO2114349>.

PETRUCCI, A. *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

TOLEDO NETO, S. de A. Entre Manuscritos e Impressos: estabelecimento, edição e crítica de textos da época Moderna. *Travessias Interativas*, v. 10, n. 20, p. 192–208, jan-jun/2020. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v10i20>.

WADE, G. Carta a hum amigo sobre o estado actual da inoculaçãõ das bexigas / pelo Doutor Gualter Wade, medico da naçaõ britannica, e do Collegio Real de Nobres na Corte de Lisboa. - Lisboa : na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Meza Censoria, 1768. - [2], 76 p.; 8º (15 cm). Disponível em: <https://purl.pt/39647>. Acesso: 22 fev. 2024.